



AFRO EMPREENDEDORISMO: AS CONTRIBUIÇÕES DAS TRANCISTAS A INDÚSTRIA CRIATIVA DE JOINVILLE

Afro Entrepreneurship: the contributions of braids woman to the creative Joinville industry

Souza, Táisse Marcos; Mestrando; Universidade Estadual de Santa Catarina,
taih.marcos@gmail.com¹

Coelho, Reinaldo de Almeida; Doutorado; Universidade Estadual de Santa Catarina,
reinaldoacoelho@gmail.com²

Resumo: Esse estudo de caso apresenta como o salão étnico PretaCor um saber ancestral e criatividade no desenvolvimento de tranças afro, aprimorando técnicas e materiais para empreender, compreendendo a trajetória da afro empreendedora e suas contribuições à indústria criativa. Aborda as tranças como um saber tradicional de preservação cultural étnica e instrumento de enfrentamento ao racismo, portanto, a atuação da trancista apoia a indústria criativa local ao produzir, disseminar e reforçar a estética e a identidade negra em seu negócio.

Palavras-chave: Tranças, Afro empreendedorismo e Indústria Criativa.

Abstract: This case study presents how the PretaCor ethnic salon combines ancestral knowledge and creativity in the development of afro braids, improving techniques and materials for entrepreneurship, understanding the trajectory of the afro entrepreneur and his contributions to the creative industry. It approaches braids as traditional knowledge for ethnic cultural preservation and an instrument for combating racism. Therefore, the braiding artist's work supports the local creative industry by producing, disseminating and reinforcing black aesthetics and identity in her business.

Keywords: Braids, Afro entrepreneurship and Creative Industry.

Introdução

O ato de fazer tranças é cultural na comunidade negra, uma técnica que acompanha a história dos negros desde a África. Na sociedade ocidental contemporânea, as tranças costumam ser usadas desde a infância, principalmente nas mulheres, como forma de romper com os estereótipos do cabelo desarrumado e sujo. (Gomes, 2019). Para Kilomba (2017) essa associação do cabelo negro com algo repugnante demonstra que as mulheres negras são vistas como sujas e selvagens no

¹ Mestranda no Programa Design de Vestuário e Moda da Universidade Estadual de Santa Catarina, pesquisando sobre modelagem de negócios de impacto socioambiental. Atua com Inovação Social e Desenvolvimento Sustentável na Moda em programas de empreendedorismo social.

² Doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Professor universitário da Universidade do Estado de Santa Catarina e gestor dos fundos de investimento em novos empreendimentos inovadores (Startups), Fundo Criatec II e Fundo IV - BNDES. Experiência na área de Empreendedorismo e Finanças.



imaginário branco. Contudo, para além do círculo familiar, as tranças são fonte de renda, sobretudo das mulheres negras, e fomentam a economia criativa, movimentando consigo diversos produtos como acessórios de cabelo, pastas modeladoras, fixadores, fibras sintéticas, fibras naturais, entre outros artefatos. (Caetano, 2023).

A UNCTAD descreve a indústria criativa como “um conjunto de atividades baseadas no conhecimento que produzem bens tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado. ” Nesse sentido, esta pesquisa visa apresentar como o salão étnico PretaCor de Joinville–SC, um saber ancestral e criatividade no desenvolvimento de tranças afro aprimorando técnicas, procedimentos e materiais para empreender, entendendo a trajetória da afro empreendedora e suas contribuições à indústria criativa da cidade.

Segundo o IBGE, em Joinville apenas 23,6% da população são pessoas autodeclaradas negras (pretos e pardos), sendo uma cidade composta majoritariamente por pessoas brancas, com um histórico de apagamento do povo negro no desenvolvimento da cidade. (Guerreiro, 2020). Mirshawka (2016) ao relatar a indústria criativa da região ressalta a colonização alemã, destacando apenas os empreendimentos engajados a partir dessa referência cultural. Desse modo, o afro-empendedorismo apresenta-se como um caminho para a correção dos processos históricos que marginalizam e estigmatizam a população negra na região.

Classifica-se como uma pesquisa de natureza básica, qualitativa e descritiva, realizada nos limites de estudo de caso. A coleta de dados contempla a pesquisa bibliográfica, entrevista realizada com a representante do PretaCor, e questionário aplicado a vinte clientes, que fizeram uso das tranças durante o processo de transição capilar, onde foi possível reconhecer as tranças como um saber ancestral de resgate identitário e instrumento de enfrentamento ao racismo. A pesquisa foi realizada por meio de um roteiro semiestruturado no período de 2 a 20 de abril de 2024.

2 Indústria Criativa e Afro empreendedorismo

A Conferência Das Nações Unidas Sobre Comércio E Desenvolvimento (UNCTAD, 2022) debate uma evolução nas noções de economia criativa. A definição de criatividade baseia-se na interação entre a criatividade humana, as ideias, a propriedade intelectual, o conhecimento e a tecnologia, enquanto a economia criativa abrange todas as indústrias que dependem de atividades



criativas. A UNCTAD define indústrias criativas como ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que utilizam a criatividade e o capital intelectual como insumos primários. Compreendem um conjunto de atividades baseadas no conhecimento que produzem bens tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado. (UNCTAD, 2022).

Segundo o Plano da Economia da Secretaria Criativa (2012) a indústria criativa ultrapassa as linguagens artísticas e as culturais, dominando novos segmentos e agregar novos valores às indústrias tradicionais, sendo sintetizada pela intersecção entre a diversidade cultural, a inovação, a inclusão social e a sustentabilidade.

[...] a economia criativa brasileira somente seria desenvolvida de modo consistente e adequado à realidade nacional se incorporasse na sua conceituação a compreensão da importância da diversidade cultural do país, a percepção da sustentabilidade como fator de desenvolvimento local e regional, a inovação como vetor de desenvolvimento da cultura e das expressões de vanguarda e, por último, a inclusão produtiva como base de uma economia cooperativa e solidária (Ministério da Cultura, 2012, p. 33).

Pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan, 2014), a indústria criativa se divide em quatro áreas que abrangem treze segmentos, dentre eles expressões culturais e patrimônio no âmbito da cultura. Conforme Barbosa (2023), a indústria criativa contribui com 3,1% do PIB brasileiro, empregando cerca de 7,5 milhões de pessoas (7% do total da economia brasileira), o setor fomenta por meio do empreendedorismo a busca por soluções criativas e a valorização de pautas sociais.

Embora o empreendedorismo não seja uma prática recente, é tradicional no contexto brasileiro, sendo associado a superação das problemáticas sociais. No Brasil, o empreendedorismo se intensificou a partir de 1990, se popularizando no país devido à preocupação com as taxas de mortalidade das pequenas e micro empresas, que com a globalização passaram a buscar alternativas para aumentar a competitividade, diminuir os custos e se manter no mercado. A criação desses novos negócios se dá pelo aumento dos índices de desemprego, principalmente nos grandes centros urbanos, surgindo como uma opção de geração de trabalho e renda. (Dornelas, 2021).

Conforme Ferreira *et. al.* (2023, p. 112) o empreendedorismo é impulsionado por forças externas e internas, como as barreiras no emprego, que geram o desequilíbrio financeiro; dificuldade



na tomada de decisão em relação aos investimentos; burocracia para ter acesso aos financiamentos; por questões de gênero, questões de raça/etnia, preconceito; escolaridade; falta de incentivos e forças psicológicas. Portanto, o empreendedorismo carrega uma dimensão estrutural.

Almeida (2019) discute o racismo como base de fundamento e estrutura da sociedade brasileira, constituindo as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares no país. Desse modo, o racismo é percebido na desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material, onde as pessoas negras encontram-se majoritariamente alocados nos postos de trabalho de baixa remuneração, informais, considerados precários e nas maiores taxas de desemprego.

Nesta perspectiva, encontra-se o afro-empreendedorismo, podendo ser compreendido como uma estratégia de enfrentamento à vulnerabilidade econômica e social da população negra, o segmento social mais afetado pelas transformações do mercado de trabalho. (Monteiro, 2018). O afro empreendedorismo pode ser conceituado como um fenômeno ou estratégia de caráter econômico político e social que impele ao indivíduo negro desenvolver uma atividade empresária criativa e inovadora com ou sem auxílio de colaboradores, onde o ato de empreender além da geração de renda permite a adição e perpetuação de valores étnicos. Sendo assim, o afro empreendedor atua como agente de mudança social, capaz de influenciar o contexto em que vive. (Arbelo, 2021, p. 29).

Laurentino Gomes (2019) afirma que o racismo sistêmico e estrutural, estabelecido por uma relação de poder, permeia a humanidade desde sempre. Na obra “Escravidão”, o autor lembra que a escravidão aumentou justamente em épocas e culturas que a moderna civilização ocidental considera hoje como divisora de águas na história do seu desenvolvimento.

Contudo, a cultura negra no Brasil está presente em todos os aspectos da vida social, como música, culinária, religião, artes visuais, moda e dança, sendo praticamente impossível pensar os setores da economia brasileira sem o negro. Devido à marginalização histórica da população negra, é comum o uso da criatividade como forma econômica, para gerar renda, se apropriando da cultura preservada desde África como matéria-prima; e comercializada mesmo que de modo informal no seio da sociedade por meio das tranças, acarajé, a mercantilização em torno do carnaval, das religiões de matriz africana, entre outros. (Brito e Filho, 2023 | Lemos, 2019). O afro-empreendedorismo, contém em sua essência uma ideologia, propondo um engajamento que alcança



o público e reafirma sua raiz negra, atuando como um canal de discussões sobre assuntos de extrema relevância como a inserção social, o racismo e o empoderamento. (Mathias, 2016).

3 Tranças

Na história africana a arte de trançar carrega várias simbologias, tais como: status, religião, parentesco, idade, etnia e outros critérios identitários representados pelo penteado; debatendo que as comunidades africanas são constituídas por um conjunto de símbolos que se expressam oralmente, repassando lembranças de acontecimentos e modos de viver, sentir, pensar, produzir artes e ofícios. (Clemente, 2010).

Brito e Filho (2023, p. 15), no seu estudo sobre as trançadeiras de Marabá-Pará, afirma que nos povos de matrizes orais o corpo transcende pelo regime de símbolos orais que foi um dos únicos elementos que não lhes foram tirados no processo da escravidão. Desse modo, é no espaço simbólico, a cabeça; que as mulheres trançadeiras fazem de sua profissão um canal de aprendizagem e comunicação de saberes, enfatizando as tranças como símbolo identitário do patrimônio cultural brasileiro deixado pelos nossos ancestrais africanos.

Hall (2015), afirma que a cultura é constituída também de símbolos e representações. Na construção de um discurso, um modo de criar sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos, construindo as noções de identidade do indivíduo. O autor aborda a identidade como uma concepção sociológica, que preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público.

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2015, p. 12).

Tratando-se da pessoa negra, a identidade é construída a partir de relações que são atravessadas pelo racismo, tendo o cabelo um significado fundamental nessa construção, visto que, conforme Reis (2015) o racismo desumaniza todos os aspectos da corporeidade negra, criando a rejeição aos próprios traços, devido aos padrões de beleza europeizados impostos à sociedade. Embora muitos estudiosos consideram a questão do cabelo como secundário ou algo que nem há



necessidade de ser discutido, para a mulher negra o cabelo afro está sempre associado a uma questão negativa, por não ser referência e nem padrão de beleza. (Reis, 2015, p.26).

As tranças acompanham a infância e a adolescência da pessoa negra, principalmente das mulheres, como forma de manter o cabelo “arrumado” e após adultas, muitas mulheres negras se reconciliam com as tranças, utilizando-as de forma estilizada, desde as chamadas tranças africanas ou agarradinhas, que formam desenhos engenhosos no couro cabeludo, até as jamaicanas de diferentes comprimentos, como forma de resgate e pertencimento. (Gomes, 2019, p. 288). Segundo Santos (2019) as trancistas negras têm sido responsáveis por esse resgate identitário e de valorização estética silencioso; e mesmo a atuação das trancistas apresentando saberes, técnicas, práticas e modos de conhecimentos é um desafio protagonizar o lugar dessas mulheres enquanto trabalhadoras, articuladoras e possuidoras de epistemologias. (Santos, 2019, p.15).

Conforme Gomes (2019, p. 37) os salões étnicos são espaços corpóreos, estéticos e identitários e, por isso, ajudam na reflexão sobre a complexidade e os conflitos da identidade negra. Segundo a autora, nos salões o cabelo crespo, visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho. Gomes (2019, p. 41 e 42) aborda que a expressão estética negra é inseparável do plano político, do econômico, da urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da percepção da diversidade, portando os salões étnicos podem ser consideradas como projetos sociais, visto que seu alcance extrapola a prestação de serviços e os trabalhos cotidianos de um salão de beleza. Diante dos conceitos debatidos, a pesquisa apresenta como se desenvolve o trabalho da trancista Josiane Sebastião em seu salão PretaCor, em Joinville–SC.

4 Estudo de Caso

Esse artigo aborda a atuação de Josiane Sebastião, mulher autodeclarada preta, de 40 anos, que atua como trancista desde dos 14 anos, atualmente presta serviço no seu salão, Preta Cor, em Joinville–SC. A trancista aprendeu o ofício de trançar de forma autodidata, observando outras mulheres trançar, trançando o próprio cabelo e treinando em familiares e amigas. Quando adolescente trançava como forma de gerar renda extra, há 10 anos as tranças passaram a ser sua principal renda, a princípio atuava a domicílio e no espaço de outros salões que não tinham uma profissional especialista em cabelos afros.



Há 2 anos estruturou seu espaço na zona sul de Joinville-SC, atendendo sozinha e nas épocas de maior movimento em parceria com o companheiro e sobrinha, ambos capacitados pela trancista. Ressalta-se que as tranças são uma técnica manual comum no cotidiano das famílias negras, portanto tanto o aprender trançar, observando principalmente as mulheres da família trançando, quanto o compartilhamento da técnica fazem parte do processo do saber tradicional, da troca de experiência de geração a geração, onde o fazer se associa ao saber.

A trancista se tornou especialista em crespos e cachos e da extensão desse trabalho idealizou o espaço PretaCor, percebeu na vivência em outros salões a perpetuação e a reprodução de padrões estéticos que não abraçavam pessoas de cabelos crespos e cacheados, pessoas negras em sua maioria, abordando o seu espaço como um local de acolhimento, troca, resistência e afetividade.

“Eu quero mais do que tudo exaltar a estética étnica, falar sobre beleza, saúde, cultura, saberes ancestrais que sempre foi desvalorizada.” (Josiane Sebastião, 2024).

A abertura do seu próprio espaço se deu por iniciativa e financiamento da própria empreendedora, sem capacitação administrativa ou estruturação de um modelo de negócio, visto que as tranças já eram sua principal renda e compõem 70% da sua renda familiar. A afro-empreendedora se formalizou como MEI e montou seu espaço, fazendo além dos cabelos, toda parte da gestão e marketing do salão. A construção do PretaCor parte também de um processo pessoal da própria empreendedora ao longo dos anos de atuação de compreensão das tranças como ferramenta de propagação da identidade negra e de reconhecimento da própria negritude.

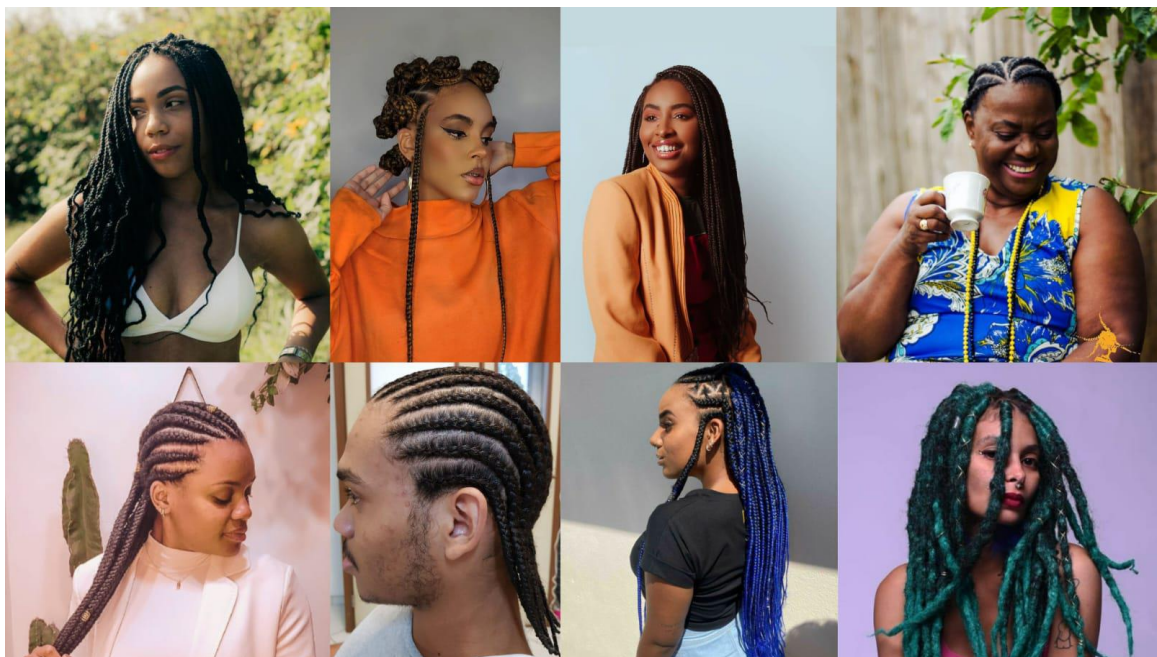
Quando eu entendi meu trabalho mais do que fazer tranças, aprendi cada dia mais a amar meu trabalho, e finalmente consegui encontrar pessoas que se parecem comigo ao longo dessas horas que elas passam sentadas na minha cadeira. São horas de conversas que as nossas histórias acabam se entrelaçando. Não é apenas sobre se empoderar, é sobre ser o espelho do outro. É muito bom encontrar pessoas que se parecem um pouco com você. (Josiane Sebastião, 2024).

A dificuldade da trancista em fazer as clientes entenderem que os cuidados com o cabelo iam além das tranças a fez buscar em outras cidades (devido à falta de cursos e profissionalização voltados a cabelos crespos e cacheados em Joinville-SC), caminhos para a inovação no seu negócio por meio de capacitações específicas a cabelos afros, técnicas e penteados com uso de tranças.



No início de sua atuação, era comum por outras trançistas da cidade, as tranças serem feitas com fibras brilhosas e plásticas conhecidas como Kanekalon, vendidas em lojas de aviamento, essas fibras são pesadas, prejudicam o cabelo e mantém um aspecto mais artificial. Na sua atuação a trançista investiu em fibras de jumbo, buscando esse material em outros estados; para confecção das tranças e uso das tranças como base para aplicação de fibras orgânicas de texturas variadas; lisas, onduladas, crespas, cacheadas, dreads ou twist; e em diversas cores. No salão, além de manter a qualidade das fibras, são comercializados produtos orgânicos para o cotidiano de cabelos sem química. A Figura 2 apresenta alguns cabelos desenvolvidos no salão PretaCor.

Figura 2: Penteados desenvolvidos no salão PretaCor



Fonte: Desenvolvidas pelos autores (2024)

Das clientes do salão 85% são mulheres, 10% homens e poucas crianças que compõem apenas 5% do quadro de clientes. Grande parte da clientela são mulheres negras, que encontram os serviços da trançista por indicação, pontuando o espaço como uma referência na cidade para cabelos crespos e cacheados. Desse modo, seus serviços passaram a ser buscados por mulheres negras em processo de transição capilar, onde as tranças são aliadas na rotina de cuidados e um caminho a essas



mulheres também de aceitação do seu cabelo e da sua negritude. Não fazendo o uso das tranças para esconder as características afro dos seus cabelos.

A transição capilar é o processo de interrompimento de procedimentos químicos, deixando o cabelo crescer naturalmente, nas mulheres negras, esse processo geralmente consiste no abandono do alisamento para o retorno ao cabelo crespo ou cacheado. Durante esse processo o cabelo aos poucos, volta a sua textura natural, contudo, a transição capilar pode durar anos e requer cuidados específicos para auxiliar o crescimento capilar sem que os cabelos fiquem fragilizados ou com resquícios das químicas utilizadas.

Diante da realidade do espaço, foi aplicado um questionário a 20 clientes que passaram pelo processo de transição fazendo uso das tranças. Buscou-se compreender a relação dessas mulheres com as tranças na infância e agora após a decisão pela transição capilar, entendo a importância das tranças, consequentemente dos serviços prestados pela trançista, nesta etapa.

Dessas mulheres 17 se autodeclararam pretas e 3 pardas, ou seja, todas se identificam enquanto pessoas negras. Apenas uma dessas clientes já era cliente da trançista de outro salão, quatro encontraram os serviços pela internet e as outras quinze por indicação de salão para cabelos afros.

Entre as clientes 18 usavam as tranças na infância, seus cabelos eram trançados por mulheres das famílias (mães, irmãs e tias), relatam a falta de produtos disponíveis para seus cabelos, materiais para apliques e tranças; nem modelos e design diferenciados. As tranças eram feitas apenas com os cabelos naturais, de forma que mantivessem os cabelos trançados durante a semana para o cotidiano.

Os termos mais usados pelas para explicar o motivo de usar tranças na infância foram: arrumar, lidar, deixar alinhado, deixar bonito e cuidar do cabelo, abordando que o uso das tranças por um lado evitava maiores episódios de racismos, mantendo os cabelos fora do seu aspecto natural e por outro o ato de trançar remete a momentos de afeto, elo entre mulheres negras. Grande parte das clientes abordadas (85%) já foram responsáveis por trançar os cabelos das crianças das famílias, aprendendo a fazer tranças em casa, entre os 9 aos 14 anos.

Quando questionadas a respeito da escolha pela trançista, além da qualidade dos serviços prestados, as clientes abordam a trançista como uma referência negra na arte de fazer tranças,



ressaltando a importância para a pessoa negra de se enxergar e se sentir pertencente nos espaços que frequenta, sendo a questão racial um requisito de escolha pelo empreendimento.

Algumas das clientes não conheciam mais a textura dos próprios cabelos, pois o processo de alisamento vinha desde adolescência em suas vidas, à medida que vão se adaptando aos cabelos naturais, os penteados desenvolvidos com tranças protegem o cabelo e impulsionam o crescimento, os cabelos com química podem ser cortados aos poucos e a variedade de fibras disponíveis no mercado permite uma versatilidade de técnicas à mulher negra. Compreende-se, assim a importância das tranças no processo de transição como suporte à auto-estima, aceitação e reconhecimento do cabelo ao natural.

5 Considerações finais

O estudo de caso deixa evidente a atuação do afro empreendedorismo como forma de enfrentar a vulnerabilidade econômica e social da população negra, visto que a trançista atua de forma empreendedora desde dos 14 anos e a 10 anos sendo sua principal renda. Fortalecendo por meio da atividade afro empreendedora a luta contra o racismo e promovendo a visibilidade positiva da cultura negra. As ações do salão étnico permitem o consumo afro, com serviços e produtos que valorizam e fortalecem a identidade afro-brasileira. Observando a trajetória da trançista percebe-se a capacidade da pessoa negra de criar e constituir serviços a partir das suas tradições, validando no âmbito dos negócios potenciais reconhecidos no âmbito familiar e na coletividade negra.

O estudo ressalta o papel das tranças na reconciliação das mulheres negras quando adultas com seus cabelos através das tranças, ressignificando e fortalecendo o reconhecimento da identidade negra por meio das tranças. As abordagens práticas do salão, consciente ou inconscientemente, dão sentido a experiência identitária negra, fragmentada pelo racismo. O próprio nome do salão PretaCor e especialidade em tranças e cabelos crespos, evitando o uso de tratamentos químicos já reforça uma imagem positiva negra, colocando ao centro de sua atuação uma luta política e ideológica, trazendo a valorização da expressão cultural afro para a indústria criativa local.

Referências

ARBELO, Davi. **Afroempreendedores: O poderoso movimento econômico**. N.p: 2021.



ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBOSA, Adriana. **Um olhar para a economia criativa da população preta**. 2023. Disponível em: <https://fastcompanybrasil.com/coluna/um-olhar-para-economia-criativa-da-populacao-preta/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

BRITO, Elane; FILHO, Alexandre dos Santos. “Vamos fazer o cabelo”: um estudo sobre as mulheres negras trançadeiras em Marabá. **Sociologia: sociedade, políticas públicas e participação social**. Editora Atena: 2023.

CAETANO, Ester. A necessidade que pulsa o saber ancestral: as tranças como figuras centrais no afroempreendedorismo. **Superávit Caseiro**. Universidade Federal de Pelotas, 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/superavit/tag/inclusao/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CLEMENTE, Aline Ferraz. Trança Afro: A Cultura do Cabelo Subalterno. 2010. 15 f. Artigo de (**Projetos Cultural e Organização**) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Acesso em: 30 ago. 2024.

DORNELAS, José, **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**, 8 ed. São Paulo, Ed. Atlas, 2021.

FERREIRA, C. A. A.; CAROLINO, A. R. .; NERO, A. C. P. .; BATISTA, R. C. G. . .; TEODÓSIO, A. dos S. de S. . **Empreendedorismo feminino periférico: análise decolonial** . Perspectivas em Gestão & Conhecimento, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 109–133, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/67384>. Acesso em: 31 ago. 2024.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares**, v. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GUERREIRO, Juliane. O não-lugar do negro na história de Joinville: um olhar sobre as páginas do jornal A Notícia. **Monumenta** – Revista de Estudos Interdisciplinares. Joinville, v. 1 , n. 1 , jan. / jun., 2020 , p . 28 - 51.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro, 2015.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: a Cobogó, 2017.



LEMOS, Lindrielli. Rocha. O afroempreendedorismo: saber tradicional, empoderamento e contribuição à indústria criativa. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 12, p. 861-879, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153975>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MATHIAS, Laís. **O afro-empendedorismo e as novas perspectivas para o mercado**. 2016. Disponível em: <https://medium.com/clavedefapp/o-afro-empendedorismo-e-as-novas-perspectivas-para-o-mercado-52fe87069bd7>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MIRSHAWKA, Victor. **Economia criativa: fontes de novos empregos**. Volume I. São Paulo. DVS Editora. 2016.

MONTEIRO, J. A. **O empresário negro brasileiro: histórias de vida e trajetória de sucesso em busca de afirmação social**. Rio de Janeiro: Prod. Ed Independente. 2001.206p.

NASCIMENTO, E. Q. “Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica”. **Anais III Seminário de Ciências Sociais**. Vitória: UFES, 2018.

PLANO da Secretaria da Economia Criativa: politica, diretrizes e ações, 2011-2014. Brasília, **Ministério da Cultura**, 2012.

REIS, L. A. Trabalhando a autoestima de crianças negras no ambiente escolar: desfazendo preconceitos e estereótipos. 2015. 42f. **Trabalho de conclusão** (Especialização em Educação e Relações Étnico -Raciais) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-ADSKVU>. Acesso em: 30 ago. 2024.

SANTOS, L. Processos educativos no contexto dos salões de beleza afro: investigações etnomatemáticas sobre o fazer / saber de trançadeiras negras. **X Seminário Redes Educativas e Tecnológicas**, 2019. Disponível em https://www.academia.edu/39745286/processos_educativos_no_contexto_dos_sal%3%95es_de_beleza_afro_investiga%3%87%c3%95es_etnomatem%3%81ticas_sobre_o_fazer_saber_de_tran%3%87adeiras_negras. Acesso em: 30 ago. 2024.

UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento). **Creative industry 4.0 towards a new globalized creative economy** – United Nations. 2022.. Disponível em:<https://www.un-ilibrary.org/content/books/9789210012522c007>. Acesso em: 30 ago. 2024.